



À Mesa da Unidade Popular

um filme de ISABEL NORONHA e CAMILO DE SOUSA

ASHOK BAGHUBAI BELA ROCHA IDASSE TEMBE MALENDZA ISABEL NORONHA IVONE RALHA LUÍS CARDOSO
LUÍS GIL DAS NEVES NANGASHINU ITALUMA TELMA LOFORTE VICENTE DE DEUS e com ALBERTO MAGASELA

realização ISABEL NORONHA e CAMILO DE SOUSA assistente de realização JOANA CUNHA FERREIRA director de fotografia LEONARDO SIMÕES montagem JULIANO CASTRO montagem e mistura de som JOÃO ALVES música JONI SCHWALBACH
construção da mesa MANUEL LOBÃO e EBERHARD SCHEDL a partir do projecto original do Arq. LUÍS RALHA direcção de produção JOANA CUNHA FERREIRA, LARA SOUSA pré e pós produção SOFIA TONICHER produtor PEDRO BORGES

com o apoio financeiro ICA - Instituto do Cinema e do Audiovisual (Programa de Apoio à Co-Produção com Países de Língua Portuguesa) e RTP - Rádio e Televisão de Portugal
uma produção MIDAS FILMES, Portugal e EBANO MULTIMÉDIA, Moçambique



A Mesa da Unidade Popular fazia parte da mobília que, no período pós-Independência, o Estado moçambicano pretendia atribuir a todas as famílias e reunia a ideia socialista de igualdade e justiça social com o conceito de Unidade Nacional, pressuposto básico da Frelimo para o desenvolvimento harmonioso do País.

Hoje, voltamos a sentar-nos a essa mesa, para reveritar o processo de construção de uma Nação e a utopia de uma sociedade mais justa.

NOTA DE INTENÇÕES

Tanto eu como os personagens deste filme, fazemos parte de uma geração que cresceu em meio à avalanche de eventos históricos inerentes ao processo de descolonização, Independência e construção de um país: Moçambique. Neste processo de ruptura radical de paradigmas, adolecemos numa situação de corte com o nosso passado, a nossa origem social, a nossa cultura, a visão do mundo que já começáramos a construir num mundo marcado pela situação colonial. Aprendemos assim, a separar de uma forma estanque o espaço interior (privado) do espaço exterior (público). Entre os dois, a mais eficaz barreira de protecção: o silêncio. Aprendido e interiorizado em situação colonial, o silêncio tomou, na nossa geração, novos contornos, ditados pelas mudanças políticas e económicas radicais que se foram sucedendo. E que passou a ser tomado, pelo sistema sempre autoritário sob o qual ainda hoje vivemos, como uma premissa primordial de "lealdade" a um poder, que requereu sempre a anulação individual e cultural como forma de integração social.

Este documentário é, mais que tudo, um constante e tenaz exercício de, utilizando os recursos do documentário, da psicanálise e da antropologia criar, em conjunto com os personagens e a equipa deste filme, formas de sair deste silêncio aprendido e interiorizado, para narrar, na intimidade de uma relação de confiança, histórias reais, de personagens reais. De resgatar o testemunho de ter resistido à anulação do eu individual, à pulsão de morte trabalhando na sombra, esgotando a nossa vitalidade como indivíduos e como grupo. De não ter cedido à apatia, de ter conservado nas circunstâncias mais adversas a capacidade crítica, de ser coerente com uma ética de partilha, de não renunciar aos ideais que havíamos abraçado, de nos recusarmos a participar da "privatização do país em proveito próprio". De a todo o custo manter, como indivíduos, como sociedade e como civilização, a ilusão de um futuro. De o poder continuar a pensar, a amar e a construir.

Acredito, que repensar em perspectiva este denso e doloroso processo, que não é exclusivo de Moçambique mas que aconteceu em todos os lugares do mundo onde houve revoluções, descolonizações e independências nos finais do século passado pode, quase 50 anos depois, ajudar a encontrar novos e actuais caminhos que tornem de novo, este mundo hoje tão hostil, um lugar sonhável para todos, sobretudo para as gerações futuras. Que os mais jovens possam acreditar e dizer, com a mesma confiança que nós um dia dissemos:

"... Porque em mim tudo recomeça / grão a grão, / ponto a ponto, / peça a peça, / mão a mão, / sol a sol, / segundo a segundo, / porque comigo recomeça o mundo, / até que tudo seja o que não vejo, / até que o mundo seja o do desejo."

Teodomiro Alberto Leite de Vasconcelos (poeta moçambicano)

The Popular Unity Table was part of the furniture that, in the post-Independence period, the Mozambican State intended to attribute to all families and brought together the socialist idea of equality and social justice with the concept of National Unity, Frelimo's basic assumption for the harmonious development of the country.

Today, we sit down at that table again, to revisit the process of building a Nation and the utopia of a more just society.

DIRECTOR'S STATEMENT

Both me and the characters in this film are part of a generation that grew up amidst the avalanche of historical events inherent to the process of decolonization, independence and construction of a country: Mozambique. In this process of radical rupture of paradigms, we grew up in a situation of separation from our past, our social origin, our culture, and the vision of the world that we had already begun to build in a world marked by the colonial situation. In this way, we learned to separate the interior (private) space from the exterior (public) space in an airtight way. Between them, the most effective protective barrier: silence. Learned and internalized in a colonial situation, for our generation, the silence took new contours, dictated by the radical political and economic changes that took place. It was taken, by the authoritarian system under which we still live today, as a primordial premise of "loyalty" to the power, which always required individual and cultural annulment as a form of social integration.

This documentary is, more than anything, a constant and tenacious exercise of creating, together with the characters and the team of this film, and using the resources of documentary, psychoanalysis and anthropology, ways of allowing this learned and internalized silence to narrate, in the intimacy of a trusting relationship, real stories and real characters. To rescue the testimony of having resisted the annulment of the individual self, the death drive of working in the shadow, depleting our vitality as individuals and as a group. Of not having given in to apathy, of having maintained our critical capacity in the most adverse circumstances, of being consistent with an ethic of sharing, of not renouncing to the ideals we had embraced, of refusing to participate in the "privatization of the country for our own benefit". At all costs, maintain, as individuals, as a society and as a civilization, the illusion of a future. To be able to continue thinking, loving and building.

I believe that in putting again in perspective this dense and painful process (which is not exclusive to Mozambique but which happened everywhere in the world where there were revolutions, decolonization and independences at the end of the last century) we can, almost 50 years later, help to find new and current paths that make this currently hostile world a place that can be dreamed, especially by future generations. May younger people believe and say, with the same confidence that we once said:

"... Because in me everything starts again / grain by grain, / point to point, / piece by piece, / hand to hand, / sun to sun, / second by second, / because with me the world begins again, / until everything is what I don't see, / until the world is that of desire."

Teodomiro Alberto Leite de Vasconcelos (Mozambican poet)

ISABEL NORONHA

Maputo, 1964. Foi uma das primeiras mulheres moçambicanas a dedicar-se ao cinema. Em 1984, ingressou no Instituto Nacional de Cinema, onde trabalhou como assistente de realização e produção e depois como realizadora do Huka-Hanema, dirigindo o seu primeiro documentário de guerra. Fez parte do grupo fundador da primeira Cooperativa de Produção Independente de Imagem em Moçambique, a Coopimagem [1992]. Paralelamente, fez a sua formação superior na área da Psicologia Clínica. Terminou em 2018 o doutoramento em Antropologia Social, sobre o uso do cinema como ferramenta terapêutica nas questões da Memória, Trauma e Silenciamento.

Maputo, 1964. She was one of the first Mozambican women to dedicate herself to cinema. In 1984, she joined the National Film Institute (INAM), where she worked as a director and production assistant and then at Huka-Hanema project, directing her first war documentary. He was part of the founding group of the first Independent Image Production Cooperative in Mozambique, Coopimagem [1992]. At the same time, she completed her graduation in Clinical Psychology. In 2018, she completed her PhD in Social Anthropology, on the use of cinema as a therapeutic tool in the issues of Memory, Trauma and Silencing.

Filmografia / Filmography

"Sonhámos um país" com Camilo de Sousa (2019)
"Da Dobra da Capulana" com Camilo de Sousa (2014)
"Espelho Meu" com Vivian Altman, Firouzeh Hhosrovani, Irene Cardona (2012)
"Trilogia das Novas Famílias (2007)

"Ngwenya, O Crocodilo", (2006)
"Sonhos Guardados" (2004)
"Manjacaze" (1987)
"Huka - Hanema", Jornal de Actualidades (1987)

CAMILO DE SOUSA

Maputo, 1953. Aos 19 anos viajou para a Bélgica com o estatuto de refugiado político das Nações Unidas para, um ano depois, regressar a África e juntar-se à guerrilha da FRELIMO participando na luta de libertação nacional. Em 1978 teve o seu primeiro trabalho em cinema, como produtor executivo em "Mueda - Memória e Massacre" de Ruy Guerra. De 1980 e 1991, trabalhou no Instituto Nacional de Cinema como realizador, editor, produtor e Diretor Geral de Produção. Fez parte do grupo fundador da primeira Cooperativa Independente de Comunicação e Produção de Imagem, a Coopimagem [1992] e da Associação Moçambicana de Cineastas [2003].

Maputo, 1953. At the age of 19, he traveled to Belgium with United Nations political refugee status and, a year later, returned to Africa and joined the FRELIMO guerrilla, participating in the national liberation struggle. In 1978 he had his first job in cinema, as executive producer in "Mueda - Memória e Massacre" by Ruy Guerra. From 1980 and 1991, he worked at the National Film Institute (INAM) as director, editor, producer and General Director of Production. He was part of the founding group of the first Independent Communication and Image Production Cooperative, Coopimagem [1992] and the Mozambican Association of Filmmakers [2003].

"Sonhámos um país" com Isabel Noronha (2019)
"Da Dobra da Capulana" com Isabel Noronha (2014)
"Junod" (2006)
"O Tempo dos Leopardos, co-realizador (1985)

"Um dia às 7:30 horas" (1983)
"Ibo, O Sangue do Silêncio" (1981)
"Ofensiva" (1980)

